CONTRACULTURA E RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA: O MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO E A REABERTURA POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1980/88

Luiz Augusto Andrade da Costa

RESUMO: A presente pesquisa se propõe a analisar a história do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (1980-1988): um grupo de homens e mulheres que, com poemas e versos, romperam com os limites impostos pelo mercado editorial, pela censura e pelos cânones estéticos da escrita poética. A expressiva produção do Movimento, em seu formato artesanal de jornais, fanzines, livros e livretos; as entrevistas e os depoimentos de membros remanescentes, críticos e jornalistas contemporâneos, bem como as matérias veiculadas nos dois principais jornais do Estado em circulação na época (o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco), servirão como nossas bases documentais. Tomando o grupo como uma importante manifestação de contracultura no Estado, situamos suas produções artísticas como uma das mais importantes expressões literárias de Pernambuco, influenciando gerações posteriores de poetas com sua estética e comportamento deliberadamente marginais.

PALAVRAS-CHAVE: Contracultura. Literatura Marginal. Democracia.

1 UMA ARTE

A redemocratização no Brasil na década de 1980 representou um período de tensões e incertezas, marcado por um intrincado e lento processo de reabertura política onde forças democráticas lutavam por mais liberdade contra um reacionarismo ainda atuante e resistente às mudanças. Neste momento crítico de nossa história, um grupo de escritores, escritoras e poetas que, sem contar com o apoio governamental e sem pertencer ao sistema oficial de produção cultural, surge e estabelece como um de seus princípios básicos e primordiais a relação direta e mais próxima possível com o povo.

A independência ante uma sociedade e seus valores opressivos, sua oposição ao governo - órgãos estaduais de cultura e empresas editoriais - e sua aversão ao meio intelectual e político, bem como a todos os modelos culturais alienígenas ao Brasil, serão princípios básicos deste grupo de artistas que tinha nomes como Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Eduardo Martins e Hector Pellizzi como seus expoentes.

O Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), como esse grupo ficou conhecido, comprometia-se com a liberdade de expressão, com a resistência democrática, com o poder da oralidade e fugia de um padrão estético tradicional, distanciando-se do cânone literário dominante e daquilo que a cultura editorial da época estabelecia como arte e poesia. Some-se a isso o seu aspecto anárquico - tanto em suas posições político-filosóficas quanto estéticas -, a sua postura deliberadamente marginal e teremos um movimento de contracultura que perdura por 8 anos e deixa um legado para gerações posteriores de artistas, escritores e poetas.

O MEIPE criado na época por jovens escritores, foi um meio de divulgar e difundir a literatura como forma de resistência diante de um sistema opressor que estava saindo de cena. O Movimento tinha como objetivo, além de lutar através dos versos contra a ditadura, também fugir do que as editoras tinham como ideal de criação literária. Em sua carta de princípios, cita em um dos itens "Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, padronizar ou restringir temas e formas" (ESPINHARA, 2000, p. 16 apud SANCHES, 2014, p. 04). Diferente do que propõe a estética concretista de versos padronizados e temas pré-definidos, a poesia destes "marginais" não tinha uma referência quanto à forma de escrever, de se expressar - eles estavam criando sua própria referência.

> Todos os indícios levam a crer que os independentes, nos anos 80, herdaram toda essa heterogeneidade, constituindo-se em uma autêntica "geleia geral". O poeta estava livre para seguir qualquer rumo ou paradeiro, usando quaisquer artefatos vanguardistas, modernistas, pós-modernos ou clássicos para tecer sua individualizada expressão poética. (ESPINHARA, 2000, p. 62)

Os Independentes levavam a arte, que era tida apenas como um meio de se conseguir lucros e algo distante do povo, para os locais onde se encontravam as massas. Faziam recitais pelas ruas e praças, editavam seus próprios livros e os vendiam a preços acessíveis. O MEIPE foge, assim, dos padrões estabelecidos pelo capitalismo e o conhecimento produzido pelos Independentes (a poesia, a arte), procura atingir aqueles que estão à margem da sociedade:

> Estes poetas perceberam ainda nesta nova postura, o renascer das ruas do Centro do Recife naquilo que lhes é mais marcante: a efusão lírica, já que àquela época, além de ostentarem belos nomes, as ruas eram símbolos da resistência ao odor de urina, dos restos de frutas e da miséria no chão que passou a se confundir com a beleza do Rio Capibaribe e, consequentemente, da cidade, um espaço que não cabe mais o lirismo "namorador, raquítico e sifilítico" ao qual faz referência Manuel Bandeira.(SANCHES, 2015, p. 29)

A ideia de disseminar a poesia, distribuir seus livros e protestar contra uma cultura editorial pautada nos lucros foi ganhando força, nos poetas do MEIPE, entre eles Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Wilson Freire, Eduardo Martins, Valmir Jordão, Fátima Ferreira e outros, que acreditavam no Movimento e criaram uma nova maneira de encarar a edição, publicação e divulgação de sua literatura no Nordeste.

O ato de tomar em suas mãos o protagonismo da sua produção artística nos faz lembrar do historiador inglês Peter Burke, que além de nos mostrar a importância da História Cultural, a interessante relação entre cultura popular e cultura erudita. Para o historiador inglês, não se deve estabelecer uma rigidez conceitual, já que nem uma definição consensual destes dois termos existe. Ele nos fala da produção cultural de grupos sociais diversos formados por homens e mulheres comuns que com suas praticas narrativas, crenças e normas de conduta nos dão pistas da realidade política, social e econômica onde essa cultura é produzida:

> De maneira semelhante, o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura "contam a si mesmas sobre si mesmas". Tais "narrativas culturais", como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas. (BURKE, 2005, p. 158)

Aqui não podemos deixar de notar um interessante paralelo com o pensamento que Michel de Certeau nos apresenta em seu trabalho, A Escrita da História. Pois, se é verdade que a escrita historiográfica, implica em escolhas, conscientes ou não, e que é necessário reconhecer o lugar social de quem conta a história, podemos dizer então que a

produção poética dos Independentes também carrega em si a marca indelével do seu tempo e do seu lugar. Ou seja, essa ideia de lugar social defendida por Certeau atinge em cheio uma visão historiográfica mais ingênua que acreditava numa neutralidade axiológica ou numa produção de conhecimento com resultados racionais, universais e verdadeiros.

> Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: una profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. [Pg. 066] É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 1982, p. 57)

Então, por que não pensar dessa forma com o que era feito em termos de poesia pelos membros do MEIPE? As suas produções giravam em torno de temas ligados às mazelas da cidade, aos desacertos políticos do país e ao cânone literário e poético estabelecido como norma na época. Era uma criatividade intimamente ligada a uma realidade vivida por eles, sentida por eles e interpretada por eles. Os escritores e escritoras aqui retratados estavam inseridos em realidades políticas, sociais e culturais de seu tempo. Os poetas não estavam em uma condição metafísica, ou pairando sobre um quadro de realidade que não era o deles. O que queremos dizer é que tanto na escrita historiográfica produzida nas academias quanto na poesia produzida por Cida Pedrosa e Chico Espinhara e tantos outros, a relação entre contexto e obra não pode ser negligenciada. Para complementar o raciocínio defendido pelo historiador francês a cerca do fazer historiográfico, mais uma coisa precisa ser lembrada. Para Certeau, tanto o lugar social (como já falamos) quanto as práticas e as regras da pesquisa científica desaguam num discurso, num texto ou num trabalho final, formando assim o que seria pra ele o tripé do fazer historiográfico moderno.

Esse Movimento dito "marginal, absorveu o grito silenciado pela Ditadura Militar por meio da união de diversos artistas, agitadores culturais, educadores e professores.

Assim, ele permitiu uma nova forma de divulgação da arte e da cultura, reprimida pelo sistema totalitário que vigorava no país. Seguindo uma tradição entre grupos de resistência cultura e de contracultura espelhados pelo mundo a fora, o MEIPE tem na substituição dos meios tradicionais de circulação de obras para os meios alternativos de divulgação, uma de suas principais características. Foi assim que os artistas envolvidos sentiram a necessidade de se expressarem e, sobretudo, divulgarem suas ideias. A partir desse movimento literário, a produção poética "fora do sistema" foi divulgada pelos próprios poetas a partir de pequenas tiragens de cópias. Elas eram produzidas nos folhetos mimeografados, os quais vendiam sua arte a baixo custo, nos bares, praças, teatros, cinemas, universidades, etc.

Neste momento de nossa observação surge o interesse de entender as práticas de enfrentamento, as formas de resistência e de combate encontradas pelos escritores e escritoras contra uma estrutura de poder que tolhia, excluía e estigmatizava. Será que aqui, Michel de Certeau nos diria que nesse espaço, por meio de táticas, o MEIPE burlou e escapou, até onde pôde, das regras de disciplinamento? Poderíamos pensar em um caráter ético das práticas cotidianas do grupo como uma vontade de afirmar a vida diante da ordem imposta? O MEIPE buscou um meio de se defender ante um poder mais forte, e isso daria ao grupo o que o historiador francês designou de caráter polêmico em um conflito permanente, numa relação de forças antagônica. Os membros mais atuantes buscavam construir um lugar próprio de onde pudessem se expressar e publicar seus trabalhos que a mídia tradicional ocultava ou pouco dava atenção e compartilhavam sua própria produção artística sem ter que se submeter à indústria ou à censura. Constroem, desta forma, uma gama de meios alternativos de comunicação e de expressão artística nos quais eram possíveis divulgar ideias, textos literários e poesias que não seriam permitidas pela censura ou não seriam aceitas pela imprensa hegemônica, ou que simplesmente não encontrariam abrigo na indústria cultural. A imprensa alternativa, a poesia marginal, a "geração mimeógrafo", o teatro de rua, o cinema Super-8 e o cinema marginal são exemplos da tentativa de construção de meios contra-hegemônicos de expressão artística e cultural.

Com Certeau, observamos o exercício pelos membros do Movimento dos Escritores, de estratégias cotidianas num nível micropolítico. Esse seria o estágio em que os indivíduos do grupo adotariam práticas de resistências, práticas de sobrevivência em meio a um difícil cenário politico, econômico e cultural. As pessoas comuns, vivendo vidas comuns em um embate contra inimigos que eram, essencialmente, comuns a todos: a opressão do Estado, as desigualdades sociais e a exclusão cultural. Essas práticas, essas invenções do cotidiano e estas "artes do fazer" do MEIPE não fogem da nossa atenção e se enquadram perfeitamente nas observações que Certeau nos trais em sua obra, A Invenção do Cotidiano.

> Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1996, p. 100)

A poesia marginal do MEIPE era formada, em sua maioria, por pequenos textos, alguns com apelo visual (fotos, quadrinhos, etc.), absorvidos por uma linguagem coloquial (traços da oralidade), espontânea, inconsciente. A temática cotidiana e erótica era permeada de sarcasmo, humor, ironia, palavrões e gírias da periferia, como aponta Espinhara:

> Outra referência importante é a herança contracultural, com as suas experimentações, seus diversos matizes, a espiritualidade oriental, etc. No ataque ao tradicionalismo, o choque alternativo é bem mais fundo, mais amplo, mais visceral que o choque modernista (ESPINHARA, 2000, p. 64)

2 HISTÓRIA E CONTRACULTURA

A temática da contracultura, já bastante estudada, reveste-se de um fascínio provocador e instigante, pois é sempre abordada sob um viés épico e faz parte da eloquência literária, poética e artística de maneira geral. Além disso, é um fenômeno que,

de certa forma, foi apropriado pelos intelectuais da cultura como um passaporte para a legitimação do discurso, supostamente forjador daquilo que se apresenta como manifestação cultural e estilo de vida à margem do que foi definido como aceitável pela sociedade tecnocrata.

A maioria dos teóricos que se dedicou a estudar as nuances das manifestações desse fenômeno situam sua origem na década de 1950. Pereira (1992) afirma que as manifestações que começam a delinear o que depois vai ser categorizado como contracultura já eram anunciadas nos EUA na década de 1950, quando os primeiros uivos da geração *beat generation* começam a serem ouvidos:

> Esse espírito libertário e questionador da racionalidade ocidental, que viria a marcar tão fortemente isso que ficou conhecido como a contracultura, já se anunciava nos EUA, desde os anos 50, com uma geração de poetas – a beat generation – que produziu um verdadeiro símbolo do fenômeno com o poema "Howl" (Allen Ginsberg, 1956) que, traduzido, significa uivo ou berro. (PEREIRA, 1992, p. 9)

A partir daí, uma conjunção de fenômenos que reuniam manifestações coletivas e individuais que desafiavam o que se considerava cultura da tecnocracia *(establishment)*, viria derramar, sobre a sociedade ocidental, uma profusão de comportamentos que variava de acordo com o contexto, mas que, de modo geral, abrigava-se no imenso guarda-chuva do que se chamou contracultura. Festivais de música (Woodstock, Monterrey), debandada *hippie*, criação de comunidades, adoção de linguagem diferenciada, figurino descolado, culto ao transcendental e admiração pela cultura oriental, experiências com drogas alucinógenas e viagens intermináveis pelo mundo parece que afirmavam para a sociedade tecnocrata capitalista que outro mundo era possível.

É muito importante pontuar que, embora visto como um fenômeno *drop out*, para o qual a família e a tradição davam de ombros, havia em torno da contracultura um arcabouço intelectual diversificado. Convém assinalar a presença de pensadores importantes como o marxista Hebert Marcuse e o historiador e sociólogo Theodore Roszak, aqui no Brasil temos os trabalhos de Carlos Alberto Masseder Pereira, Leon

Frederico Kaminski e do jornalista e colaborador do *Pasquin* na década de 1970, Luis Carlos Maciel.

> Acompanhando o próprio movimento de expansão do ensino universitário e dos cursos de pós-graduação, o número de pesquisas sobre temas relacionados à contracultura tem aumentado. Outros fatores, como o distanciamento temporal e o enfraquecimento da historiografia marxista na esfera acadêmica, contribuem para esse crescimento quantitativo. A emergência da História Cultural como campo de investigação colabora decisivamente para essa ampliação. O âmbito da cultura e suas manifestações deixou aos poucos de ser algo menos nobre de ser pesquisado, se comparado ao social e ao econômico. Com isso, mudou não somente em termos quantitativos, mas também qualitativos, com novas abordagens e temas, incluindo aqueles ligados aos movimentos contraculturais. (KAMINSKI, 2019, p. 11)

O que aproxima a reflexão de Maciel (apud PEREIRA, 1992) mesmo considerando sua autonomia de pensamento, das reflexões de Roszak (1972) na obra que inaugura uma teorização do fenômeno no campo da sociologia, e que servirá de referência principal para boa parte de nossos escritos sobre o tema, é a tese de que o principal alvo da contracultura era o combate às formas de expressão da sociedade burguesa tecnocrata, ou mais diretamente à tecnocracia, incluindo aí a própria racionalidade científica herdada da modernidade iluminista.

Na visão de Roszak (1972, p. 22), a tecnocracia como modelo negado e combatido pela contracultura, consiste na "forma social na qual a sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional". Nesse sentido, a tecnocracia projeta-se mais como um imperativo cultural imponente, incontestável e indiscutível que será questionado e recusado pelos jovens da contracultura.

Ainda que esses elementos sejam definidores do termo contracultura, convém sublinhar que outros tipos de manifestações juvenis em outros contextos históricos poderiam ser encaixados nessa concepção. Analisando as oito anotações de Luiz Carlos Maciel, Pereira (1985) assinala que se pode empregar o termo contracultura para designar um fenômeno mais geral, mais anárquico, que reaparece de tempos em tempos e em diferentes épocas, parece ter um espírito revigorador da crítica social.

> Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, "rompe com as regras do jogo" em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. Aquela postura ou posição de crítica radical em face da cultura convencional, a qual se refere Maciel em suas anotações. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social (PEREIRA, 1985, p. 22)

Assim, o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), ao longo de sua existência, longe de constituir uma cópia de qualquer outro movimento contracultural, vai possuir características próprias de enfrentamento, de crítica artística e crítica social, com uma forte conotação anárquica de seus principais componentes. O grupo criou meios alternativos de comunicação e de expressão artística, ao mesmo tempo em que dialogavam e se apropriavam de realidades que aconteciam nos planos regional e nacional produzindo sentido particular e os reproduzindo. O experimentalismo das formas e do conteúdo dessas produções é bastante presente, bem como em outras tradições vanguardistas na história. Some-se a isso, a importância que seus componentes davam ao poder da oralidade aproximando-os de setores menos privilegiados de uma cidade "diluidora dos meus sonhos", como era o Recife no dizer de Eduardo Martins no poema Geografia do Mal, e teremos um movimento de contracultura por excelência.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel. 2007. **Tese (Doutorado).** Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2007.

CERTEAU, Michel de; GIARD; Luce; MAYOL, Pierre. **Invenção do cotidiano** Vol. 2: Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 1982.

ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco 1980-1988**. Recife: CEPE, 2000.

KAMINSKI, Leon Frederico (Org.). **Contracultura no Brasil, anos 70:** circulação, espaços e sociabilidades.Curitiba [PR]: CRV, 2019.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura.** 2.ed. Petrópoles: Vozes, 1972

SOUSA, Pâmela. **A poesia marginal no Recife de 80 com o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco.** Disponível em: <www.controversourbano.wix.com>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.

SANCHES, Maria Elizabete. **Á margem do cânone: história e produção do Movimento dos Escritores de Pernambuco**. 2014. Tese (mestrado) Universidade Federal de Rondônia. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/1006>.

SANCHES, Maria Elisabete. **Á memória dos esquecidos: história e produção do MEIPE**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.